brilhante, pelo menos tornam-no atrativo (até que as reservas internacionais se recuperem). De fato, o mês de março de 1995 registrou, em Chicago, cotações para a soja em grão de US$209,64/t; um ano depois, o valor passou a US$265,83/t e,este ano, está em US$257,11/t.

Considerando que a presente safra brasileira é praticamente do mesmo tamanho daquela que foi o recorde histórico de produção (1994/95), vê-se que a receita do complexo da soja tende a ser favorável, contribuindo também para este quadro a desoneração do ICMS nas exportações.

FERNANDO ROBERTO DE FREITAS ALMEIDA

UVA

A melhor safra em muitos anos

A estiagem que, por várias semanas, preocupou os agricultores de várias regiões do Rio Grande do Sul, chegando a repercutir sobre os preços das commodities, na Bolsa de Chicago, teve bons efeitos sobre a produção de uva. Tendo passado por um inverno sem maiores problemas, os parreirais beneficiaram-se da maior secura do ar, para a formação de cachos com elevado teor de açúcar.

A atual safra vem sendo considerada por muitos como a melhor da década. Segundo o Centro Nacional de Pesquisa de Uva e Vinho (CNPUV) da Embrapa, sediado em Bento Gonçalves, até o início de fevereiro, a situação da colheita podia ser tida como excepcional. Choveu durante o mês, mas não havia mais condições para maior interferência na qualidade. O CNPUV registrou que as uvas brancas, precoces, foram muito bem e, na região por ele coberta, estavam-se obtendo 18° e 19° Brix (medida da concentração de sólidos solúveis). As uvas tintas, colhidas a partir de meados de fevereiro (Cabernet e Merlot) também devem ter bom desempenho qualitativo.

As uvas são classificadas em comuns, viníferas especiais e viníferas nobres, pela Portaria nº 270, do Ministério da Agricultura, de 1988, e recebem preços crescentes, em função de seu teor glucométrico, entre 14° e 20° Brix.

A respeito dos preços, porém, houve dificuldades na negociação desta safra. As indústrias foram pressionadas em seu próprio mercado consumidor pela concorrência dos importados e alegaram não poder aumentar o preço.

Algumas indústrias imaginam, no entanto, que os vinhos importados poderão ter um papel positivo, atraindo novos consumidores que depois optarão por vinhos diferentes (em relação aos famosos vinhos de casco azul, os consumidores poderiam, então, *evoluir* para os melhores vinhos brasileiros). Aliás, segundo a União Brasileira de Vitivinicultura (Uvibra) embora o consumo tenha melhorado em 1996, ainda não recuperou o nível atingido em 1993 (ver tabela abaixo). Destaque-se que a portaria promulgada no ano passado para regulamentar o controle das importações completou seu primeiro aniversário sem efeitos práticos. Tem ocorrido, espontaneamente, no país, diminuição do consumo dos vinhos de variedades comuns e aumento dos de variedades nobres. Como o consumo médio do brasileiro ainda patina em ridículos 2 litros *per capita* anuais (na Argentina são 45 litros, mesmo com o aumento do consumo de cerveja), há bastante espaço a percorrer.

Vinho e derivados

Comercialização dos vinhos elaborados no Rio Grande do Sul 1985 a 1996 — em mil litros

Ano	Litros
1985	263.900.753
1986	295.806.095
1987	207.801.105
1988	230.240.445
1989	259.649.893
1990	293.802.043
1991	265.369.282
1992	252.635.444
1993	292.308.687
1994	256.886.047
1995	227.832.126
1996	256.899.878

Fonte: União Brasileira de Vitivinicultura.

Brasil — produção de uva
1987 a 1996 — em toneladas

UF	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996
RS	351.400	541.766	471.571	538.705	396.318	505.462	489.464	479.034	479.619	367.926
SP	107.243	99.359	105.951	126.224	122.810	123.657	119.610	134.680	137.160	149.400
BA	5.148	5.523	15.933	14.308	20.048	45.648	54.378	56.328	59.326	67.391
PE	11.180	9.049	10.764	14.483	17.163	18.510	26.475	30.821	56.672	48.338
PR	24.600	30.224	34.855	36.000	38.087	41.186	42.600	41.916	43.966	44.250
SC	60.000	77.781	68.816	70.805	44.157	56.630	60.690	53.679	39.660	39.675
MG	5.617	7.386	7.464	3.183	8.290	7.707	5.666	8.782	8.956	8.956
CE	7	7	607	609	565	594	-	-	-	-
PB	211	211	210	210	360	360	-	-	-	-
RN	4	32	32	60	56	156	-	-	-	-
ES	407	365	327	172	172	141	-	-	-	-
RJ	213	5	5	-	-	-	-	-	-	-
MS	-	-	15	15	-	5	-	-	-	-
SE	-	-	-	-	-	36	-	-	-	-
Brasil	566.030	771.708	716.550	804.774	648.026	800.112	798.883	805.240	825.359	725.936

Fonte: IBGE.

Brasil e Rio Grande do Sul — área colhida de uva
1987 a 1996 — em hectares

Região	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996
Brasil	58.807	58.330	59.171	58.663	58.913	59.888	60.071	59.488	60.591	59.722
RS	39.852	39.839	40.436	40.027	40.018	39.634	38.924	38.672	38.008	37.239

Fonte: IBGE.

Para a fixação do preço foram necessárias quatro reuniões da Câmara Setorial da Uva e do Vinho. O preço anterior, de R$0,15/kg, vigorou durante um ano, e os sindicatos de trabalhadores rurais reivindicaram o preço de R$0,18/kg.

Os produtores, na prática, não são remunerados pelo preço mínimo de R$0,15/kg. Ele vigora para as uvas comuns e de pouca qualidade. No caso das viníferas, se tiverem boa graduação glucométrica, renderão muito mais.

A última reunião da Comissão definiu a correção do preço mínimo, que passou a R$0,17/kg, o que ocorreu quando o governo gaúcho pressionou, lembrando que o setor industrial da atividade goza de favorecimentos fiscais. De fato, o governo estadual mantém o Programa de Reestruturação Industrial (Prin), incentivador da vitivinicultura, que devolve até 45% do ICMS recolhido.

A safra gaúcha vem sendo esperada na faixa das 360 mil toneladas, semelhante à do ano passado. A tabela de cima apresenta a evolução da produção pelos estados onde se pode observar a retração de anos recentes no Rio Grande do Sul, acompanhada de rápido crescimento na Bahia e em Pernambuco, cujas lavouras irrigadas atingem rendimentos físicos elevados.

Em termos de área colhida, a tabela de baixo mostra que ela se alterou pouco no país, mas os parreirais gaúchos perderam participação, em razão do processo de reconversão de atividades agrícolas deslanchado com a constituição do Mercosul. Representavam 68% da

área colhida total, em 1987, chegaram a 65% em 1993, 63% em 1995 e 62% em 1996.

Uma safra do porte esperado resultará em até 60 milhões de litros de vinhos finos, que poderão, pelas características do clima sobre as plantações, superar a qualidade obtida nas melhores safras anteriores, as de 1986 e 1991. Os vinhos finos deverão ser feitos a partir de 80 mil toneladas de uva e o suco concentrado demandará outras 70 mil.

FERNANDO ROBERTO DE FREITAS ALMEIDA

INDICADOR DO MILHO — FGV-BM&F

Atrelado às rações

Passando-se os olhos pelo gráfico do indicador físico e dos contratos futuros do milho para março e maio, o que chama a atenção é o fato de as cotações para estes dois meses apresentarem valores inferiores ao preço mínimo de R$6,70/60kg definido para a safra 1996/97. A explicação pode estar no setor de rações para a avicultura de corte, onde a demanda se concentra.

A justificativa clássica para a queda das cotações seria uma perspectiva que se encaixa perfeitamente no contexto de plena colheita do produto novo, que tradicionalmente se concentra neste trimestre. Os preços porém não parecem combinar com o atual panorama do abastecimento do grão ao longo desta temporada.

Na avaliação de dezembro último realizada pela Conab a respeito da oferta e da demanda de milho para 1996/97, a produção deverá chegar a 34,4 milhões de toneladas (90% dos quais obtidos na primeira safra). Com a soma da colheita ao estoque inicial, a oferta seria 1,5 milhão de toneladas maior do que o consumo projetado, de 37,1 milhões. Daí que seriam necessárias importações de 1,5 milhão de toneladas para que o estoque final chegasse a praticamente 3 milhões, ou o equivalente a apenas um mês de consumo comercial.

Ora, estes números não são exatamente representativos de um nível de oferta tão frouxa que justifique remuneração nos patamares indicados pelo mercado futuro. Olhando mais à frente, vê-se que, embora os contratos futuros para julho estejam acima dos dois anteriores, ainda assim eles registram uma forte resistência

Indicador do milho físico FGV/BM&F e os contratos futuros do milho BM&F — 1997

